

Trabalho e religião na literatura bíblica: alguns exemplos do Antigo Testamento

M A R I A F E R N A N D E S

CEC-FLUL/CEHR-UCP
009cmariaf@gmail.com

Resumo: Este estudo visa analisar a influência e impacto das crenças religiosas dos antigos Israelitas nas suas atividades laborais. Consideramos as diferentes semânticas dos lemas hebraicos adotados para significar o labor quotidiano dos homens e realçamos o papel preponderante nele desempenhado pelo Deus do povo hebreu.

Palavras-chave: Trabalho, Israel, Deus, Culto.

Work and religion in the biblical literature: some examples from the Old Testament

Abstract: We propose to study the influence and impact of ancient Israelites' religious beliefs on their working activities. Different semantics of the Hebrew lemmas for "work" are considered, as well as the primary role played by the God of Israel in the people's daily labour.

Keywords: Work, Israel, God, Cult.

Birkat haŠanim (Bênção dos Anos)
 Abençoa para nós este ano, Senhor nosso D'us,
 e possam as suas colheitas ser abundantes.
 Traz depressa o ano da nossa redenção;
 dá o orvalho e a chuva à terra; sacia o teu mundo
 pelos tesouros da tua bondade;
 e abençoa o trabalho das nossas mãos.
 Bendito sejas, Senhor,
 que fazes que os anos sejam abençoados.
Oração das 18 Bênçãos ('amidah)

Considerando que não podemos, no espaço da Antiguidade, traçar uma linha de separação entre o que veio recentemente a ser designado como o “sagrado” e o “profano”, é nossa proposta avaliar o peso do fator religioso na instituição laboral do homem antigo, aquilatando a influência das suas convicções religiosas na atividade humana que designamos por trabalho.

Escolhemos dedicar o nosso estudo ao povo hebreu, tomando como fonte principal as narrativas e escritos sapienciais do Antigo Testamento, na tradução da Difusora Bíblica (conhecida como “Bíblia dos Capuchinhos”) e no texto hebraico da *Stuttgartensia* (27.^a ed.) de 1998. Mesmo tendo em conta, atentos ao rigor histórico, toda a aura mitológica e propagandística de que se revestem estas narrativas, podemos recolher copiosa informação sobre usos e costumes dos povos nelas retratados, bem como acerca das suas crenças e superstições e das suas práticas mágicas e religiosas.

Comparámos os vocábulos que abrangiam semânticas de trabalho vertidos para língua portuguesa com o texto massorético¹, tentando captar as *nuances* que ditavam o uso das diferentes expressões nos respetivos contextos. À luz das tarefas quotidianas do povo de Israel, protagonista daquela literatura, tentámos compreender de que modo a sua relação com o divino estava presente nas atividades que desenvolviam, valendo-nos também de algumas fontes históricas secundárias.

Num espaço em que a mundivisão não concebia a vida sem a intervenção dos deuses, os Hebreus não constituíram exceção, mas o seu percurso foi pioneiro no sentido de se impor um Deus único, que contudo chegou a coabitar com os deuses múltiplos até então venerados, num processo gradual que acabou com a vitória de Yhwh, o deus que constituiu a base da crença judaico-cristã.

¹ Utilizámos para consulta complementar o *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, de Luis Alonso Schökel, tradução portuguesa de Ivo Storniolo/José Bortolini. S. Paulo: Paulus, 1997.

O trabalho do povo hebraico, desde os tempos do nomadismo da confederação tribal, em que habitualmente se está em presença de uma economia de subsistência, até à sua ocupação das terras de Canaã, assentava essencialmente na pastorícia, e depois na agricultura e produtos que rendiam, bem como no respetivo comércio. Existiam, no entanto, entre os Hebreus, ao que tudo indica mesmo nos tempos do nomadismo, artífices de várias profissões, já que Moisés supervisionou, após a saída do Egito, a construção da arca da aliança e do santuário itinerante dedicado a Yhwh, bem como a elaboração dos paramentos e objetos destinados aos sacerdotes do culto.

Nos tempos da monarquia israelita estamos já em presença de uma economia de excedentes, sendo que o desenvolvimento da vida urbana (já presente na Mesopotâmia desde o iv milénio a.e.c.), no espaço que se tornou o reino de David, levou à fixação e proliferação de artesãos independentes, embora muitos deambulassem no exercício da sua atividade. Subsistiram, no entanto, grupos nómadas na região que constituíam uma complementaridade saudável para a economia, em termos de intercâmbio entre as diversas unidades e modos de produção².

Havia jornaleiros ajustados sazonalmente, por um determinado período, para tarefas específicas³, e mesmo casos em que eram contratados por longos períodos de tempo, como sucedeu, por exemplo, com Jacob, que combinou com seu tio Labão cuidar-lhe do gado durante sete anos, passíveis de renovação, se assim as partes o entendessem (Gn 29:20; 27-30). Podiam ser remunerados em dinheiro e/ou em géneros.

Era comum que artífices do mesmo mister se agrupassem em ruas ou bairros (como foi sucedendo ao longo dos séculos um pouco por toda a parte: na cidade de Lisboa, por exemplo, subsistem vestígios dessa prática nalgumas artérias da Baixa, como as Ruas do Ouro, dos Fanqueiros, dos Correeiros, dos Douradores, etc.), sendo o ofício habitualmente hereditário. Existiam mesmo aldeias que se especializavam em determinada arte, consoante a sua situação geográfica e condicionantes económicas, como a presença de matéria-prima ou meios de produção, a boa localização para arejamento de fornos ou fundições, etc. Como na antiga Mesopotâmia, os artífices hebreus formaram guildas com constituição legal, algumas das quais adquiriram grande relevância, a ponto de terem os seus próprios locais de culto, sabendo-se que existia uma sinagoga dos tecelões em Jerusalém. No período da

2 Mario Liverani; Mario Fakes; Carlo Zaccagnini – *L' Economia nel Vicino Oriente Antico*. In *L'Alba della Civiltà*. Coord. de Sabatino Moscati. Vol. 2. Turim: Unione Tipografica Editrice Torinese, 1976, p. 8-9, 293.

3 R. de Vaux – *Ancient Israel. Its Life and Institutions* (1st ed. 1958). Trad. inglesa Darton, Longman & Todd Ltd. (1961). Grand Rapids (MI): Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997, p. 76.

monarquia verificou-se certa tendência centralizadora, havendo evidência de que o palácio controlava boa parte das indústrias⁴.

A monarquia trouxe para Israel uma nova profissão que até então a confederação das tribos ignorara, por desnecessária: os militares a soldo, ou mercenários. A prática era comum nos povos antigos mesopotâmicos, mas Saul foi o primeiro Hebreu a adotá-la, já que tinha de combater contra os Filisteus e Cananeus, que usavam exércitos de mercenários bem treinados. Estes homens não eram totalmente livres, mas estavam na dependência do rei e passavam para o seu herdeiro como servos. O corpo de guardas dos reis israelitas era formado por estes militares a soldo, que não eram sujeitos a impostos ou trabalhos forçados⁵.

O trabalho forçado constituía prática comum na antiguidade do Próximo e Médio Oriente. Os próprios israelitas terão sido sujeitos a ele no Egito (Ex 1:11-14) e o povo egípcio não estava isento de prestá-lo, mesmo na sua própria terra. Foi sobretudo no tempo de Salomão que se organizou a imposição do trabalho forçado para as grandes construções do templo e do palácio e para fortificar e guarnecer Jerusalém e outras cidades, embora a prática fosse aplicada sempre que havia necessidade⁶.

O rei tinha, naturalmente, os seus servidores, desde os diversos oficiais da corte até aos trabalhadores mais humildes. A gestão administrativa de cada cidade era desempenhada por um notável, que a supervisionava e reportava ao rei, e por um conselho de anciãos. Estes acumulavam a função de juizes nos tribunais locais, conquanto os sacerdotes também exercessem a justiça e o poder judicial pertencesse ao rei, para o qual todos podiam apelar. Existiam ainda juizes profissionais nomeados pelo rei, que julgariam os casos mais delicados ou complexos. No tempo do rei Josafat, por exemplo, havia um tribunal constituído por sacerdotes levitas em Jerusalém que julgava casos em primeira instância nesta cidade, mas que funcionava como tribunal da Relação para as outras cidades⁷.

Antes, porém, do estabelecimento do povo de Deus nas terras cananaicas, quando da entrega dos dez mandamentos ao seu povo, reza a Bíblia que Yhwh ordenou a Moisés que lhe construísse uma arca, que serviria de testemunho da aliança entre si e o povo, e um santuário para o seu culto, ambos itinerantes, e criou uma nova ordem profissional – o corpo de sacerdotes. Esta é a narrativa fundacional da identidade do povo dos Hebreus, para quem a realidade é constituída pela memória.

Foi o irmão de Moisés, Aarão, e seus filhos que foram chamados a exercer o sacerdócio em honra de Yhwh depois da construção do santuário. O verbo hebraico, *kahan*, é específico para esta função, dele derivando a palavra “sacerdote”,

4 R. de Vaux – *Ancient Israel...*, p. 77.

5 R. de Vaux – *Ancient Israel...*, p. 219.

6 R. de Vaux – *Ancient Israel...*, p. 141-142.

7 R. de Vaux – *Ancient Israel...*, p. 138, 152-154.

kohen, que hoje subsiste sob a forma de apelido. Os capítulos 24 a 28 do livro do Êxodo contêm a descrição pormenorizada dos trabalhos encomendados por Deus a Moisés, que recebe a incumbência de incluir no santuário a executar dois altares (um para os holocaustos, outro para os perfumes) e um átrio com colunas, com ornamentos e objetos de culto ricamente adornados. São enumeradas medidas precisas, produtos e materiais específicos: será necessário azeite puro de azeitonas pisadas, para manter as lâmpadas do candelabro do santuário sempre acesas; requeiram-se víveres e animais para holocausto. A agricultura e pastorícia são, pois, dois trabalhos fundamentais também para o culto. O pormenor das descrições e o detalhe particularizado dos ornamentos em pedras e metais preciosos, em panos e peles ricamente tingidos e tecidos, e da forma como deveriam ser colocados e mantidos, ilustra o papel preponderante que deve ser dado ao culto a Yhwh, que envolve desde produtos da terra (aos quais o povo tinha que ter acesso, mesmo na sua errância) a animais, bem como uma larga gama de artífices especializados: ferreiros, pedreiros, curtidores, carpinteiros, metalúrgicos, oleiros e gravadores, escultores, tecelões, tintureiros e perfumistas. Só para a confeção das vestes dos sacerdotes eram precisos tecidos tingidos de várias cores, gravados com metais e pedras preciosas. Em alguns casos, o próprio Deus de Israel indica o nome dos artesãos que devem encarregar-se de determinada tarefa, quer escolhendo uma pessoa específica, quer designando o artífice pela sua especialidade, como lapidários (Ex 28:11) e perfumistas (30:35). Toda a população era envolvida no culto, sendo o corpo sacerdotal sustentado pela comunidade, que tem o dever de manter perenemente o culto sagrado a Yhwh.

Certos trabalhos estavam confiados às mulheres hebreias, que detinham relevante papel na economia doméstica. As leis de celebração do *Šabbat*, o acender das velas, a preparação da mesa, as regras relativas à alimentação, a comida a escolher e como cozinhar adequada e santamente (as leis de *kašrut*), tudo isso pertence à mulher, que assim transforma a mesa doméstica num altar. Um símbolo de perpetuação das regras do Templo nos rituais domésticos, por exemplo, consiste na queima de um pedacinho da massa do pão, a *hallah*, sinal de esperança na redenção de Israel e na restauração do serviço do Templo, sendo assim a mulher investida numa certa forma de sacerdócio. O livro dos Provérbios contém uma enumeração das atividades que competem à mulher israelita:

O coração do marido nela confia e jamais lhe falta coisa alguma. Ela proporciona-lhe o bem e nunca o mal, em todos os dias da sua vida. Ela procura lã e linho e trabalha de boa vontade com as suas mãos. (...) Levanta-se, ainda de noite, e distribui o alimento pelos da sua casa e as tarefas pelas suas servas. (...) Ela sente que o seu negócio prospera, a sua lâmpada não se apaga durante a noite. A sua mão pega na roca e os seus dedos fazem girar o fuso. Estende os braços ao infeliz, e abre a mão ao indigente. Não teme a neve para os seus familiares, porque todos eles têm roupa a dobrar. Seu marido

é considerado nas portas da cidade, quando toma assento com os anciãos da terra. Fabrica roupa de linho e vende-a, e fornece cintos ao mercador. (...) Vigia o andamento da casa e não come o pão da ociosidade. (Pr 31)

Como verificamos através desta descrição, a mulher é também empresária, fabricando roupas e acessórios de alta qualidade para fornecimento a mercadores, sendo tanto maior a envergadura do seu negócio quanto mais aplicado for o seu labor.

À semelhança do que sucedeu com outros povos da Antiguidade, os Hebreus utilizavam escravos para os trabalhos mais pesados e no serviço doméstico, mas o seu estatuto entre o povo de Deus era algo diferente do praticado pelos restantes povos na Antiguidade e, de certa forma, mais leniente. As próprias injunções divinas contidas na Lei (a *Torah*, ou instrução, distribuída pelos livros do Pentateuco) estabeleciam determinadas regras para o tratamento dos escravos, que contemplavam a sua libertação após um determinado período de tempo, sobretudo se esse escravo for um Hebreu:

Quando um dos teus irmãos hebreus, homem ou mulher, te for vendido, servir-te-á seis anos; mas no sétimo ano terás de o deixar sair da tua casa, restituindo-lhe a liberdade. E quando libertares do serviço esse escravo, não o despedirás de mãos vazias, mas dar-lhe-ás um presente do teu gado miúdo, do teu celeiro e do teu lagar; dar-lhe-ás uma parte dos bens com que o Senhor te houver favorecido. Recorda-te que foste escravo no país do Egito e que o Senhor, teu Deus, te libertou. Por isso, eu hoje te prescrevo este mandamento. (...) Não fiques contrariado ao dar-lhe a liberdade, pois ele ganhou duas vezes o salário de um mercenário, servindo-te durante seis anos. E o Senhor, teu Deus, te abençoará em todas as tuas empresas. (Dt 15:12-15; 18).

Com efeito, Yhwh impôs ao povo dos Hebreus, que acreditou ter sido especialmente escolhido, normas detalhadas para todas as questões da vida quotidiana, as quais interferiam com a forma como as diversas tarefas eram desempenhadas. Assim, ao proceder à ceifa, esta não se fazia até às extremidades do campo e as espigas caídas não podiam ser apanhadas. Se ao fazer a ceifa ficasse esquecido algum feixe, não era permitido voltar atrás para o levar. Também na vindima não podiam ser apanhados os bagos caídos. Ao varejar as oliveiras, os israelitas não podiam voltar a colher o resto das azeitonas que tinha ficado nos ramos. Tudo isto deveria ser deixado para as viúvas, órfãos, pobres e demais desprotegidos (Lv 19:9-10; Dt 24:19-21). De três em três anos, os israelitas tinham que tirar a décima parte de tudo o que tinham produzido nesse ano e ir entregá-la aos responsáveis da sua cidade, que a redistribuíam aos levitas, estrangeiros, órfãos e viúvas (Dt 14:28-29). Deviam, passados cada seis anos, observar no sétimo um ano de descanso durante o qual não trabalhavam a terra, não semeavam nem podavam, e o que ela produzisse

nesse ano deveria servir de alimento a todos os da casa, seus jornaleiros e hóspedes, gado e restantes animais, o mesmo sucedendo no ano jubilar que celebravam cada 50 anos (Lv 25:2-8; 11-12), segundo as injunções de Yhwh.

Esta imposição do descanso, ou *Šabbat*, é sagrada para os Hebreus. A primeira indicação desta norma está no segundo capítulo do livro do Génesis, em que Deus, contemplando tudo o que havia feito nos seis dias anteriores, decidiu descansar no sétimo dia. A injunção divina que proíbe expressamente qualquer trabalho no sétimo dia é reiterada noutros passos bíblicos, nomeadamente no livro do Deuteronomio:

Guarda o dia de sábado para o santificar, como te ordenou o Senhor, teu Deus. Trabalharás durante seis dias e neles farás todos os teus trabalhos; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus: não farás trabalho algum, nem tu, nem os teus filhos e filhas, nem o teu escravo ou escrava, nem o teu boi, o teu jumento ou qualquer outro animal, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas, para que o teu servo e a tua serva descansem como tu (Dt 5:12-14).

Vejamos agora quais as palavras usadas pelos Hebreus para o nosso conceito de “trabalho”. Consultámos alguns dicionários bíblicos temáticos, procurando uma rubrica dedicada ao lema (sob palavras como *toil*, *task*, *service* ou mesmo *work*), mas só em obras de referência filológico-teológicas esta figura sob o termo hebraico específico que contém a semântica pretendida⁸.

Na Bíblia vêm traduzidos para língua portuguesa como “trabalho” distintos vocábulos hebraicos, sempre que se entende que a semântica subjacente o justifica. Por outro lado, como o hebraico bíblico se expressa amiúde de forma reiterativa (“esforcei-me com esforço”, por exemplo), não podendo verter para a nossa língua esta forma de falar, recorre-se à sinonímia que melhor expressa o conceito, que nem sempre se consegue traduzir literalmente.

Um dos lemas mais importantes com o qual o Hebreu se refere ao trabalho quotidiano é a raiz *‘amal*, que significa “trabalhar no duro, esforçar-se, exercitar-se, treinar”. O respectivo substantivo, *‘amel*, significa “trabalhador, obreiro”, mas igualmente “tristeza, aflição, dor, pesar.” O Livro do Eclesiastes é o que mais ocorrências (35)⁹ tem de vocábulos provenientes desta raiz, sendo a tónica quase sempre a mesma, a de quanto é vão todo o esforço humano no sentido de se engrandecer ou

8 *Anchor Bible Dictionary*. Ed. David Noel Freedman. Vols. V (O-Sh) e VI (Si-Z). Nova Iorque: Doubleday, 1992; Francis I. Andersen; A. Dean Forbes – *The Vocabulary of the Old Testament*. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1992; Romano Penna, et al. – *Dizionario di Temi Teologici della Bibbia*. Milão: Edizioni San Paolo, 2010; *Theological Dictionary of the Old Testament*. Ed. G. Johannes Botterweck, et al. Tradução inglesa de Douglas W. Stott. Vol. X בוע – בויע. Grand Rapids (MI); Cambridge (UK): William B. Eerdmans Publ. Co., 1999. *Dizionario Teologico dell'Antico Testamento*. Ed. Ernst Jenni; Claus Westermann. Edição italiana de Gian Luigi Prato. Vol. II. Casale Monferrato (AL): Marietti, 1982.

9 S. Schwertner, s.v. לַמַּעַל, in *Dizionario Teologico dell'Antico Testamento...*, p. 297-301.

enriquecer, quando afinal apenas a morte o espera no fim do caminho. A semântica do termo, que nos recorda o castigo imposto ao homem por Deus como consequência da sua desobediência, implica esforço duro, cansa, labuta. Ecl 4:8 fala de *'inyan ra' hu'*, a “tarefa ingrata”, com que o homem [exerce] esforço sobre a sua alma, *'amel 'et-nafsi*, e em 8:17 elucubra sobre a inutilidade de o homem se afadigar em investigar (*'ašer ya'amol levaqēš*) para, afinal, nada encontrar.

Em alguns casos, porém, *'amal* pode também significar o resultado do trabalho levado a cabo, por exemplo, o ganho que dele adveio¹⁰. Teríamos um exemplo em Ps 105:44, “deu-lhes as terras dos pagãos e eles herdaram as riquezas desses povos”, em que a palavra vertida em português como *riquezas* é *'amal*. Na maioria das vezes, porém, ele evoca o pesado labor humano; esforço muitas vezes amargo, frustrante para o pobre que se verga sob a imposição de uma atividade que lhe garante uma subsistência precária, na dependência do clima, de eventuais ladrões ou de pesados impostos, esforço de tal forma insustentável que os próprios deuses da antiga Mesopotâmia, já desesperados, decidiram criar o homem para o sobrecarregar com o que não queriam continuar a fazer. A conclusão a que chega o Eclesiastes é que o trabalho do homem se traduz neste imenso esforço (*'amel*) que poucas alegrias lhe rende e que foi o seu Deus que o sujeitou a esse jugo, embora não explique as razões: expõe-nas, mas aceita-as com um fatalismo que roça a resignação, não tentando sequer indagar sobre a (in)justiça dessa imposição.

Um segundo vocábulo que cabe no âmbito do trabalho é o que habitualmente corresponde ao português “fazer”, o verbo hebraico *'ašah*. É evidentemente muito usado e traduzido por diferentes expressões ao longo da Bíblia tendo, entre numerosas outras aceções, o significado de “agir, executar, empreender”. Dá ideia de algo artificial, algo manufaturado, sendo o seu substantivo *ma'ašeh*. Em Gn 1:31, Deus viu “toda a sua obra”, em hebraico *kol 'ašer 'ašah*, ou seja, “tudo o que fizera”. Em Nm 1:54, os filhos de Israel fizeram tudo o que o Senhor ordenou, com o verbo *'ašah*. Em Ecl 1:4 os empreendimentos dos homens são “fazedura”, *ma'ašeh*, e em Ecl 9:10, quando se diz que no mundo dos mortos não há trabalho, a expressão usada é *'eyn ma'ašeh*, ou seja, “não há coisa feita”. Em Ecl 3:11 a obra divina é *hamma'ašeh 'ašer 'ašah 'Elohim*, isto é, “a fazedura que Deus fez”.

Outra forma de expressar a ideia de trabalho encontra-se no substantivo *m^ela'kah*, que significa “obra, trabalho, arte, ofício, objeto, utensílio artificial, tarefa” e, nalguns casos, “emprego, uso” (Lv 7:24) e mesmo “fabricação” ou “fábrica” (Ex 38:24, Ne 10:34). Em Gn 2:2, Deus viu concluída no sétimo dia toda a sua obra (em português a tradução é igual a Gn 1:31, que apenas usa o verbo *'ašah*), mas em hebraico acrescenta-se-lhe a tarefa, *m^ela'koto ha'ašah*, à letra, “a tarefa dele que

10 S. Schwertner, s.v. לַמְעַשֶׂה. In *Dizionario Teologico dell'Antico Testamento...*, p. 299.

ele tinha feito”; e Deus repousou de todo o trabalho por ele realizado, reiterando o hebraico a mesma expressão. Ex 38:24 fala do total do ouro utilizado em todos os trabalhos do santuário, que em hebraico são *m^ela’kot*. É interessante verificar que em nenhum dos dois casos se usou o termo que denota fadiga ou labor custoso, *‘amal*, mas sim esta expressão, *m^ela’kah*, que implica uma tarefa que não é penosa: a obra de Deus vai sendo feita porque ele vai vendo e sentindo que ela é boa, e os trabalhos do santuário, destinado a louvar a Deus, são sobretudo um dever de amor.

Noutros passos bíblicos que para a língua portuguesa são vertidos com verbos que indicam a atividade laboral, as raízes hebraicas utilizadas diferem desde *kalah*, “concluir, finalizar” (Gn 2:2, Ex 40:33), passando por *tamam*, “terminar, completar, finalizar” (1Rs 7:22), até *šalam* (raiz da qual deriva a palavra *šalom*, “completude” ou “plenitude” e, conseqüentemente, “paz”), significando “ficar inteiro, completo, acabar-se; pagar, ressarcir, indemnizar, retribuir” (1Rs 7:51).

Chegamos assim ao lema normalmente utilizado, mesmo nos dias de hoje, para significar trabalho em hebraico, *‘avadah*. Não nos aparece sob a raiz verbal *‘avad* (talvez porque, segundo Westermann, não é claro se o verbo hebraico é denominativo), mas sim sob o vocábulo *‘oved*, significando “escravo”, “trabalhador” (Ecl 5:11, que tanto fala sobre o esforço humano no sentido de labuta sofrida, diz que “doce é o sono do trabalhador”, *ha’oved*). Na Bíblia traduz-se como “casa da escravidão” o hebraico *beyt ‘avadim*, “casa dos escravos”. O lema tem uma semântica que implica principalmente serviço prestado a alguém, existindo uma relação social e jurídica de dependência numa determinada relação de trabalho. Pode ser usado significando um trabalho duro, um serviço prestado a outrem (como foi o caso já citado de Jacob relativamente a seu sogro Labão), ou pode conter conotação positiva, como no caso de um súbdito relativamente ao seu suserano, implicando lealdade e honra¹¹. Assim, terminológica e concetualmente, o escravo está ligado ao mais alto funcionário do palácio ou ao mais alto sacerdote do deus. Numa conceção fortemente hierarquizada da sociedade, todos são servos de alguém, em última análise do rei, e este do deus¹². Tendo o rei hebreu poder absoluto, os seus oficiais, mercenários e cortesãos também eram *‘avadim*, servos, e por extensão, sentindo-se a relação humana com Deus como a dos súbditos em relação ao seu soberano, *‘oved* tornou-se sinónimo de homem piedoso, aquele que traz Deus no seu coração e o serve devotamente, um título que foi aplicado a Abraão, Moisés e David e que ainda hoje está contido em muitos nomes árabes (*‘Abd’allah* ou *‘Abdu’l*, por exemplo, “servo de ‘Allah, servo de Deus”).

11 Claus Westermann, s.v. *אָבַד*. In *Dizionario Teologico dell’Antico Testamento...*, p. 165-181.

12 Sabatino Moscati – *L’Alba della Civiltà...*, p. 81.

Quando Israel recebe as injunções divinas que lhe impõem, antes de tudo, que sirva a Deus, a raiz usada é *’avad*, e é sempre este o lema utilizado quando se fala em servir ou não servir os deuses e em prestar culto. Em Ex 23:24, encontramos o vocábulo em “não os servirás (os deuses deles)” e em 23:25 “servireis o Senhor vosso Deus”, *wa’avadtem Yhwh ’Eloheykem*. Em Ecl 5:8, “o rei é servido” usa o mesmo verbo na voz passiva, *ne’evad*. Após a descrição pormenorizada de toda a construção e elaboração dos objetos de culto a colocar no santuário destinado ao Deus de Israel, feita de acordo com as ordens detalhadas do Senhor, Ex 39:32 narra que assim se “terminaram os trabalhos do santuário”, *’avodat miškan* e que Moisés (Ex 39:43) examinou todo o trabalho, *’et kol ha’avodah*. Também aqui não aparece presente o conceito de esforço ou fadiga, mas apenas de serviço, o serviço feito para Deus e destinado ao seu culto. O capítulo 24 do livro de Josué, por exemplo, contém 16 ocorrências do lema *’avad*, todas com a aceção de culto ao Deus único.

Vemos então que o Deus de Israel está presente em todos os passos da vida quotidiana, no trabalho como no lazer, além do tempo de oração que é exclusivamente seu, extremamente exigente, aliás: o Hebreu deve começar e acabar o seu dia com a recitação do credo, o famoso *Šema’* que distingue todo o judeu devoto, que é precedido e seguido de bênçãos especiais. Três vezes ao dia o devoto deve recitar a oração das dezoito bênçãos, a *’amidah*, cuja nona bênção, que descrevemos à guisa de introito, pede ao criador que abençoe o trabalho do homem. Antes e depois das refeições são proferidas bênçãos, quer para consagrar os alimentos, quer de ação de graças e enumeração dos benefícios divinos. Existem orações para o levantar, para o deitar, para o caminho, pelo governo, para a chuva, para o orvalho, e inúmeras bênçãos para as mais diversas situações. De entre os vários alimentos, fruto do trabalho do homem, são objeto de bênção especial as sete espécies mencionadas em Dt 8:8: trigo, cevada, uvas, figos, romãs, azeitonas e tâmaras. Até os bons odores requerem que se louve o Criador, porque mesmo que não proporcionem prazer ao corpo, proporcionam-no à alma. Quando se compra alguma coisa nova com a qual uma pessoa se regozija, ou quando se constrói uma casa nova, deve recitar-se a seguinte bênção: “Bendito Aquele que nos manteve vivos, nos sustentou e nos permitiu atingir este tempo”.¹³ Até mesmo a excreção dá lugar a pronunciamento de bênção: ao sair para satisfazer as suas necessidades, o devoto deve dizer: “Bendito Aquele que formou o homem com sabedoria, e criou nele numerosas aberturas e numerosos orifícios”. A bênção termina da seguinte forma: “Bendito O que cura toda a carne e age de forma prodigiosa”¹⁴.

13 Ber. II, 9:54a² (Traité Berakot – *Talmud Bavli*. Edição de Edmond J. Safra, tradução francesa do Rav Aharon Marciano. Vol. II. Nova Iorque: M^ssorah Publications Ltd., 2006.)

14 Ber. II, 9:60b¹ (Traité Berakot – *Talmud Bavli...*, vol. II.)

Cremos ter demonstrado cabalmente até que ponto o que hoje destacamos como dois conceitos distintos, “trabalho” e “religião”, estavam intimamente ligados para os antigos Hebreus. Todo o trabalho pertence ao Criador, e é por sua graça e em seu louvor que o Hebreu desempenha as suas tarefas diárias e oferece, como sacrifício de expiação pelas faltas cometidas para com o amor do seu Deus, o seu esforço, *‘amel*, como lhe cumpre como bom fiel, temente ao seu Senhor.

Assim, a norma religiosa está envolvida numa ética do trabalho em que a consciência desempenha um papel fundamental, como se demonstra através dos lemas que indicam que o trabalho foi devida e cabalmente concluído, nos quais se jogam as semânticas de completude e perfeição, indicando assim não só o estado em que se encontrará a obra acabada, como também o espírito que preside e orienta a sua elaboração.

Parece um paradoxo a junção das duas ideias, “dever” e “amor”. Recordamos aqui uma noção que hoje em dia, como tantas outras, parece ter caído em desuso ou estar esquecida, a do dever de estado, que é utilizada para significar o que um pai deve a um filho, como deve um filho comportar-se perante seus pais, como deve um cônjuge tratar o seu consorte, como deve um professor tratar os seus estudantes, como devem os estudantes proceder para com o seu professor, como deve um funcionário agir no desempenho da sua profissão, etc. Esta noção do “dever de estado” é transportada, no sentir hebraico, para o dever do homem enquanto criatura para com o seu Deus, que a tudo provê mas exige, hoje como ontem, amor e devoção incondicionais, no trabalho como no lazer: é o “dever do coração”.